

Sentir, apreender, entender, compreender

To feel, to grasp, to understand, to comprehend

Júlio Pinto *

Resumo: Pretende-se fazer, neste texto, um exame dos conceitos de entendimento e compreensão, específicos para uma filosofia da linguagem a partir do pensamento de C. S. Peirce, fazendo uma breve incursão nos sentidos do tempo, a fim de ajudar a embasar a discussão contemporânea sobre os fundamentos da inteligência e *schemata* perceptivos.

Palavras-chave: Entendimento, compreensão, filosofia da linguagem, tempo, C. S. Peirce

Abstract: The present text intends to propose an examination of concepts specific to a philosophy of language based upon the thought of C. S. Peirce, namely *understanding* and *comprehension*, by making a brief incursion into the meanings of time so as to help lay the groundwork for the contemporary discussion on the foundations of intelligence and perceptive *schemata*.

Key words: Understanding, comprehension, language philosophy, time, C.S. Peirce

Parece que compreendemos o compreender de muitas maneiras, o que, naturalmente, só conduz à incompreensão. Parece que, para que compreendamos, ou comecemos a compreender a compreensão, faz-se necessário desvestir um certo viés ou, pelo menos, assumir outro viés por alguns instantes, para apresentar uma possível visão semiótica do que viria a ser a compreensão. Digo “possível”, porque, como isso vai depender de uma exegese do texto de Peirce, há pelo menos duas possibilidades: uma, que pensaria a compreensão como sinônima de “entendimento”, quase que numa adaptação direta da opinião lockiana¹, e outra, a que adoto, que pensaria a compreensão como um fenômeno mais abrangente, que inclui o entendimento *stricto sensu*, mas que o extrapola. Espero, com essa discussão, propor algo útil tanto para a comunicação e o pensamento sobre a linguagem.

* Ph.D. University of North Carolina at Chapel Hill, EUA; Pós-Doutor em Comunicação Social Univ. Católica Portuguesa, Lisboa; professor de Semiótica da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC-Minas; e-mail: juliopinto@pucminas.br

¹ Refiro-me ao Ensaio sobre o entendimento humano, de 1690.

Se pensarmos que compreender é apreender com, apreender junto, fica claro que entender é apenas um entre os muitos aspectos do compreender. Apesar de essa afirmação parecer trivial ^{3/4} e o é, até certo ponto ^{3/4}, não o é tanto assim, pois entender é uma operação aparentemente de pura racionalidade. Compreender, contudo, envolve outras coisas que não apenas a consciência canalizada para a nomeação e a generalização sobre o fenômeno, que é precisamente aquilo em que consiste o entendimento. Ora, generalizar sobre o fenômeno é perder um pouco dele, na medida em que só se consegue generalizar através da perda de um absoluto fenomenal ou, em outras palavras, da relativização em que incorremos ao tentar dizer de algo *in futuro*. A generalização é uma operação preditiva, porque só posso dizer que algo tem a característica geral assim e assado se eu tiver em mente um bom número de instâncias desse algo, não só passadas, mas ainda por ocorrer. Nesse sentido, entender é produzir uma lei sobre algo.

Mas, para que eu possa produzir uma lei sobre algo, um algo presente tem que ter se manifestado primeiro. E se, ao contrário, algo se manifesta de modo a que eu o reconheça, esse meu reconhecimento só se dá em vista de uma lei que é evocada quando o *feeling*² desse algo elicita outras memórias de feelings análogos que me permitem prever que esse algo vai ser / fazer / consistir em tal e tal coisa.

Se alguém fala de compreender como entender, esse alguém talvez esteja pensando que as idéias são monolitos, coisas substantivas. Na verdade, é mesmo assim que estamos acostumados a pensar. Ora, segundo Peirce,

Estamos acostumados a falar de idéias como reproduzíveis, como tendo sido passadas de mente para mente, ou como semelhantes ou dessemelhantes... Entretanto, pegando a palavra “idéia” no sentido de um evento em uma consciência individual, fica claro que uma idéia, uma vez passada, foi-se para sempre, e qualquer suposta recorrência dela é uma outra idéia. Dizer, assim, que elas são semelhantes só pode significar que uma força oculta das profundezas de nossa alma nos leva a conectá-las em nosso pensamento depois que já se foram. Podemos notar aqui, de passagem, que dos dois princípios de associação geralmente reconhecidos, contigüidade e semelhança, o primeiro é uma ligação que se deve a um poder externo, o segundo uma ligação que se deve a um poder interno. (CP 6.106)³

² Uso feeling em inglês mesmo, para caracterizar bem a noção específica de “sensação” a que Peirce se refere, que abrange não só a impressão sensorial, mas aquilo que ela ocasiona em quem percebe.

³ CP refere-se aos Collected Papers de Charles S. Peirce. Uso a forma de citação padrão em estudos peirceanos. O primeiro número refere-se ao volume (6) e o número depois do ponto refere-se ao parágrafo (106). A tradução é minha. Todas as referências subsequentes aos Collected Papers serão feitas no texto segundo essa convenção e todas as traduções são de minha autoria.

Essa fala de Peirce conduz a muitas perguntas. A primeira delas seria: “Como uma idéia passada pode estar presente?”, na medida em que qualquer recorrência dela seria uma outra idéia. Bem, certamente essa idéia passada não estaria presente de modo vicário. Só pode, portanto, ser presentificada por percepção direta, isto é, para estar presente, ela precisa ser, *ipso facto*, presente. A única forma de resolver isso seria pensar que uma idéia não pode ser inteiramente passada. Ela só pode estar em andamento, ser infinitesimalmente passada, menos passada que qualquer data passada designável. Isso nos força à conclusão de que o presente estaria ligado ao passado por uma série de passos infinitesimais reais.

Naturalmente, quando digo que algo está ou é presente, não posso me referir a um presente absoluto, na medida em que o presente absolutamente presente se esvai de imediato. Por isso, a consciência deve cobrir um intervalo de tempo. Se não o fizesse, não poderíamos ter nenhum conhecimento do tempo e não só uma cognição veraz dele: faltar-nos-ia a própria concepção de tempo. Por isso, conclui-se que somos imediatamente conscientes através de um intervalo, mesmo que infinitesimal, de tempo. Neste intervalo, a consciência seria subjetivamente contínua, isto é, teria duração. E, como se trata de uma consciência imediata, o seu objeto também teria que ter o atributo da duração e da continuidade.

Peirce pensa o tempo como a forma universal de mudança (cf. CP 6.132). Segundo ele, o tempo não pode existir a menos que haja algo que sofra mudança e, para que haja mudança contínua no tempo, deve haver uma continuidade de qualidades mutáveis. O tempo logicamente pressupõe uma faixa contínua de intensidade de sensação. Segue-se, portanto, que quando um *feeling* em particular está presente, manifesta-se também um contínuo infinitesimal de *feelings* que diferem infinitesimalmente daquele. Ainda segundo Peirce,

O *feeling* tem uma extensão espacial subjetiva. Como o espaço é contínuo, segue-se que deve haver uma comunidade imediata de *feelings* entre partes da mente infinitesimalmente próximas. Sem isso, creio ser impossível que mentes externas uma à outra possam se coordenar. (CP 6.134).

Em outras palavras, além da extensão temporal subjetiva, Peirce atribui ao *feeling* uma extensão espacial subjetiva. Isso torna possível o funcionamento das duas formas de associação, *id est*, contiguidade e semelhança. Começa a ficar claro, até pela última frase da citação acima ³/₄ “sem isso, creio ser impossível que mentes externas uma à outra possam se coordenar” ³/₄ que Peirce está falando de comunicação; e mais, fala de comunidades sensoriais com suas extensões subjetivas espaciais e temporais que

compõem o fenômeno da comunicação. Em outras palavras, não se comunicam apenas os entendimentos racionais, o que é uma conclusão absolutamente trivial de premissas não tão triviais assim.

A noção peirceana de idéia, portanto, engloba a sensação. Na verdade, isso já está claro desde o fundamento dessa semiótica, nas categorias da experiência. Uma outra forma de colocar essa visão unitária e tripartite dos fenômenos, idéias inclusive, está no CP 6.135:

O que significa dizer que uma idéia afeta outra? A resolução desse problema exige que examinemos os fenômenos mais em detalhe. Três elementos compõem uma idéia. O primeiro é sua qualidade intrínseca como *feeling*. O segundo é a energia com que ela afeta outras idéias, uma energia que é infinita no aqui-agora do *feeling* imediato, e finita e relativa na recenticidade do passado. O terceiro elemento é a tendência que tem uma idéia de ocasionar outras idéias a partir dela.

Vê-se que esse *feeling* está presente como fator constituinte dessa noção de idéia muito mais abrangente que um simples entendimento. Examinemos esse parágrafo de Peirce mais detidamente. Pelo menos dois corolários poderiam ser extraídos daí. Vejamos.

Primeiro, mesmo que, ao se espalhar uma idéia, seu poder de afetar outras vá se reduzindo $\frac{3}{4}$ conseqüência do fato de que, em se tratando de *feeling* imediato, a segunda da energia é infinita, mas, em se tratando da recenticidade do passado ela é finita e relativa $\frac{3}{4}$, a sua qualidade intrínseca continua relativamente imutável, já que, na primeira, não estamos lidando com extensões espaciais ou temporais. Talvez seja necessário lembrar, aqui, à guisa de explicação, que tempo e espaço são noções que começam a se esboçar apenas como relação diádica, isto é, são necessários, no mínimo, dois elementos para que elas se constituam (um antes e um depois, um aqui e um ali)⁴.

Segundo, falar da recenticidade do passado também implica que um intervalo finito de tempo geralmente contém uma série inumerável de *feelings*. Quando esses *feelings* se juntam em uma associação, o resultado é uma idéia geral. Entretanto, a primeira característica de uma idéia geral assim resultante é a de que ela é um *feeling* vivo. Um contínuo desse *feeling*, infinitesimal em duração, lembramos, mas, ainda assim, abrangendo inúmeras partes, e também, embora infinitesimal, inteiramente ilimitado, fica imediatamente presente. Nisso estão a vividez, a vivacidade e a vida da idéia. Na ausência

⁴ Cf. Pinto, 1989, para uma discussão de temporalidade em linguagem e Pinto, 1995, para as noções de primeira, segunda, terceira.

de limites, como diz Peirce, “uma vaga possibilidade de algo mais do aquilo que está presente é diretamente sentida” (CP 6.138).

Sem querer explorar essa última citação naquilo que se refere a uma possível fundamentação alternativa para o que Peirce chamou de “lógica do vago”, pode-se dizer que essa vaga possibilidade é, seguramente, um dos fatores responsáveis pelo deslizamento dos sentidos e pela fluidez e vivacidade daquilo a que chamamos compreensão.⁵

Dada a complexidade das inter-relações entre as categorias, e a recursividade que caracteriza essas interrelações, aquilo que é visto como um primeiro, é-o de um terceiro, que o é de um primeiro, e assim por diante. Somente assim torna-se possível entender que o *feeling* que ainda não emergiu na consciência imediata já é afetável e já é afetado. De fato, essa é a noção de hábito, pela qual uma idéia é trazida à consciência presente através da ligação já estabelecida entre ela e outra idéia enquanto ainda *esse in futuro*.

O ser *in futuro* é da ordem do previsível e a palavra *hábito* indica uma noção de lei, a possibilidade de generalização através da nomeação. A terceira, aquilo que está implícito na palavra entendimento, não é, de forma alguma, dissociada das outras categorias. Por isso, dizer que os fenômenos mentais são governados pela lei, ou pelo hábito, não implica uma descritibilidade por uma fórmula geral, embora possa até implicá-la. Mas implica, principalmente, que os símbolos, as idéias gerais, os argumentos, em suma, as leis, são idéias vivas, um continuum de *feelings* que as compõem e as pervadem, e aos quais elas são dóceis. Entender, portanto, acaba sendo mais que uma operação puramente racional, na medida em que é lei dotada de energia e que se deriva de uma associação de *feelings*. Ora, se *feelings* se associam com uma certa energia e dessa associação resultam generalizações mais relativas que eles, sentir, prestar atenção e entender são partes de um processo geral que só pode ser chamado de *compreensão*, algo fluido e sempre dotado de uma certa vagueza e, por isso, vivo.

Concluo com uma outra citação:

Quando uma idéia é transmitida ... , ela o é por formas, digamos uma curiosa simetria, ou pela união de uma nuance de cor com um odor refinado. São idéias corporificadas. Somente assim podem transmitir outras idéias. (CP 6.158).

⁵ Essa lógica da vagueza é por mim tratada numa discussão do proveito possível a se tirar do ruído comunicacional em Pinto (2002).

Ora, não apreendemos nenhuma idéia corporificada através de um simples *fiat* racional. Comprendemos algo *in totum*, junto com os *feelings*, as reações, e também as idéias que esse algo nos traz, com todas as idiossincrasias das nossas subjetividades e com as possibilidades de operações intersubjetivas de contiguidade e semelhança que tornam possível a comunicação.

Referências bibliográficas

LOCKE, J. *Essay Concerning Human Understanding* (1690). Versão eletrônica Univ. de Harvard, Cambridge, Massachusetts, 2004 (CD-Rom).

PEIRCE, C.S. *Collected Papers* (org. Charles Hartshorne e Paul Weiss). Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1934-1963, 8 vols.

PINTO, J. *The Reading of Time*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1989.

PINTO, J. *1, 2, 3 da Semiótica*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

PINTO, J. *O Ruído e outras inutilidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.